

MEU AMOR PERTENCE A TERRA

Antônio Augusto Ferreira

Meu amor pertence à terra,
É o jeito como eu a quero,
É quase como um carinho,
É um amor que não termina.
Começou há tanto tempo
Que eu vivo de quero-quero,
Sentinela do caminho,
Como cumprindo uma sina.

É no campo que respiro,
Me refaço dos tropeços,
(muito tempo na cadeira,
que a cidade nos condena).
Mal chego ao meu retiro,
Cada coisa que conheço
Já vem, de alguma maneira,
Aliviar a minha pena.

Vou ao galpão dos arreios,
Lá, sim, o cheiro de cordas,
Agri-doce pela graxa,
Vai dilatar meu pulmão.
Então tiro meus aperos
E os arrasto para fora.
O seu contato relaxa
Com ternura de paixão.

Mexo em todos os arreios,
Até o bastinho dos netos,
Essa hora é que é a boa
Passa tudo em minha mão.
Retoco o sebo nas guascas
Pra meia hora de sol.

Sei que tenho uma lagoa
No lugar do coração.
O suor me tira a camisa,
E ouço que os meus cavalos

Vêm chegando numa encerra
Que temos no parapeito...
Seu cheiro vem pela brisa,
É hora de eu ir pegá-los,
São velhos pingos de guerra
Que aposentei por direito.

Escolho um desses velhos,
Que foi flor de montaria
É um, baio da minha cria
Que encilho sem apertar.
Aço a perna devagar,
Velhice mais desgranida
Se meteu na minha vida
Não tem mais como largar.

Montar mesmo, eu só consigo
Subindo em cima de um banco
E mesmo assim, me agarrando,
Veja o que ocorre comigo,
Me falta força na perna,
Só faço hoje o que eu posso,
E dou graças ao Pai Nossa
Que a cabeça ainda governa.

Montando num desses pingos
Tenho menos vinte anos,
Eu e meu cavalo entramos
Nesse milagre do tempo.
Um peão junta-se a nós,
E vamos ver os potrilhos,
Que as crias do meu padrinho
São como um sopre de vento.

Que potrada! Deus aguarde,
Eu nunca tive potrilhos
Como esses, de ta lindos,
Grossos, fortes, mansos, vivos.

Na mangueira o peão os pega
Uma a um, para que eu veja,
E os meus olhos lacrimejam
Mas dissimulo o motivo.

Depois vou ver umas vacas,
Inseminadas, paridas,
Terneirada macanuda
Oriunda de cruzamentos.
Sintéticas- duas raças
São o Braford e o Canchim,
Então eu olho para dentro
Meio orgulhoso de mim.

O serviço neste campo
Foi tanto, que não tem conta.
Gastei meus fins-de-semana,
Como gastei meus cavalos.
Por sorte os filhos se criaram
E vieram revezar-me
E agora criam seus filhos
Com o mesmo amor ao trabalho.

Assim eu amo esta terra,
Puro cerro de basalto.
Mas ando muito emotivo
Desconverso a ver se passa.
Na tardinha, nada ajuda
A aquietar-me a solidão...
Uns banzos tomam de assalto
Meu coração de basalto.

E eu evito olhar nos olhos
Da minha eterna paixão.